

Palavras - chave:
Clube negro, Identidade, cidade,
memória, concurso de beleza.

Resumo: O presente trabalho é resultado de uma pesquisa realizada no ano de 2013, acerca de concursos femininos de beleza negra realizados pelo Clube negro Treze de Maio (1890-2013), da cidade de Ponta Grossa. O objeto aqui problematizado tem como recorte temporal o período 1985-2006 e procura compreender os sentidos destes concursos para mulheres que deles participaram, assim como a sua contribuição na construção de identidades negras das concorrentes e frequentadoras. Busca-se analisar a instituição que os promovia e compreender a importância e o significado desses concursos para esta entidade. Todo o processo de análise e pesquisa foi construído através, mas não exclusivamente, de narrativas de pessoas vinculadas aos concursos. No interior destas análises procura-se compreender também a relação do clube com a própria cidade. A pesquisa privilegia a análise de narrativas de mulheres que concorreram em eventos de diferentes períodos e de pessoas que tiveram vínculo com o clube em algum momento da sua existência. Além da análise de depoimentos orais, serão utilizados outros documentos que auxiliaram no desenvolvimento da pesquisa. O Clube Treze de Maio conta com documentos de extremo valor histórico, que remetem a processos e dinâmicas coletivas do/no viver urbano, contribuindo assim para uma intervenção do historiador em prol de uma maior visibilidade da experiência social negra neste espaço. Pode-se dizer que o processo é uma construção histórica que permanece viva nas relações culturais e sociais de negros e negras que neste universo vivem e trabalham.

NARRATIVAS DE IDENTIDADE NEGRA EM CONCURSOS DE BELEZA NEGRA DO CLUBE TREZE DE MAIO (PONTA GROSSA, 1985-2006)

Merylin Ricieli dos Santos ¹

Robson Laverdi ²

INTRODUÇÃO

Ao se buscar a História de negros e negras nos Campos Gerais, em particular dos integrantes do Clube Treze de Maio 1890, percebe-se questões culturais e sociais a serem discutidas em relação a estes sujeitos, pois o clube muitas vezes é citado, mas pouco problematizado em suas relações com a cidade de Ponta Grossa. Observando a historiografia sobre a cidade, são poucos trabalhos que abordam essa temática. Foi com base nesses sucintos argumentos e nas experiências vivenciadas que surgiu o interesse pelo tema.

A instituição estudada é um espaço social que fez parte da minha vida desde a infância, pois era a única instituição a qual não era preciso um “sobrenome” conhecido para adentrar em seus eventos. O Clube realizava atividades que valorizavam os negros (adultos e crianças) que dele faziam parte, e proporcionava a estes uma forma de se sentir parte integrante do processo social da cidade de Ponta Grossa.

A realização de jantar dançante e comemorativo no dia treze de maio e no dia vinte de novembro fazia com que os negros que frequentavam a instituição se sentissem “acolhidos” e valorizados. Pode-se dizer que com isso os negros (que o frequentavam) conseguiam preencher, ainda que de forma parcial, a sensação de ausência de pertencimento das atividades sociais e culturais locais, visto que estas eram restritas apenas aos brancos, na maioria dos casos. Outra questão a ser problematizada é a de resistência e afirmação social frente à sociedade que os “excluiu”.

A escolha do tema está relacionada não só às questões pessoais ligadas à militância - como integrante do Núcleo de Relações Étnico-raciais Gênero e Sexualidade (NUREGS), ou como organizadora de oficinas referente à cultura afro-brasileira nas escolas, ou por dimensões intelectuais - mas a fim de questionar uma história cheia de rupturas e descontinuidades, que são ignoradas em análises históricas locais dominantes; entre estas, a ausência desta instituição nas produções historiográficas e na cobertura ausente da imprensa local nos eventos sociais do Clube Treze de Maio na atualidade.

O Clube aqui pesquisado é uma sociedade civil com personalidade jurídica, sem fins políticos, religiosos ou econômicos, frequentado por pessoas de qualquer nacionalidade. Ao longo de toda a existência do Clube houve mais de um estatuto, que buscaram preservar tradições na sociedade e garantia à ordem no estabelecimento, com o escopo de preservar os direitos e deveres dos sócios.

Antes de prosseguir, preciso esclarecer que o Clube Treze de Maio é o lugar social que o atual objeto de estudo está inserido, pois a análise e as

¹ Graduada em História pela UEPG.

² Orientador. Doutor em História (UFF). Professor do Depto. História e do Mestrado em História (UEPG).

problematizações aqui expostas são referentes aos Concursos Femininos de Beleza Negra nele realizados no período de 1985-2006. A iniciativa de realização desta pesquisa surgiu do interesse em continuar a pesquisa sobre a história dos negros nos Campos Gerais, que tinha sido iniciada anteriormente.

Ao longo da graduação percebi que há uma necessidade de um maior engajamento teórico e de pesquisa sobre a população negra na cidade, para que os novos historiadores e a população em geral tenham maior embasamento sobre o assunto. Ao iniciar pesquisas para realizar o presente trabalho, percebi o quão ínfimo era meu conhecimento sobre negros que contribuíam para a construção de Ponta Grossa e como isso influenciou para uma dificuldade nas buscas documentais.

Por alguns momentos pensei que seria inviável fazer uma pesquisa vinculada a História desses sujeitos, devido à sua “ausência” na historiografia local. Mas um trabalho realizado no decorrer do ano de 2011 teve um papel significativo no despertar de um maior interesse pelo tema. Ele contava com o apoio do Programa de Educação Tutorial (PET-História UEPG), em uma pesquisa de caráter bibliográfico a fim de fazer o levantamento sobre obras que remetiam (positivamente) a presença negra no Brasil e nos Campos Gerais.

Após ter concluído a pesquisa bibliográfica que tinha como título “Leituras para uma identidade negra positiva” e em consequência desta, surge o empenho de se ater a um objeto de pesquisa “mais delimitado”, daí então o interesse pelo Clube Treze de Maio. Parte daí a probabilidade de uma pesquisa voltada para os concursos femininos de beleza negra entre 1985 – 2006, que eram realizados no Clube Treze de Maio. Tendo estes caminhos tomei este horizonte como objeto de estudo da presente pesquisa. A discussão deste trabalho busca problematizar os concursos de beleza negra no Clube Treze de Maio (1985-2006), a fim de compreender práticas e conflitos sociais, através das vivências, análise de discursos e narrativas das mulheres que marcaram essa História.

Este trabalho foi realizado com o intuito de compreender os concursos de beleza negra em um Clube negro, em uma cidade com valores brancos, influenciada por uma herança escravista; em um país que buscava modelos europeus. Em meio a tantas contradições é difícil compreender esse amplo processo, em vista de sua complexidade.

Conforme mencionado, os concursos femini-

nos de beleza negra serão citados, analisados e problematizados, mas no decorrer do trabalho serão abordados elementos que compõem a instituição que sediava os concursos, suas características e a sua situação na atualidade.

Almejo apresentar de que forma os concursos de beleza negra do Clube Treze de Maio, contribuíram para a formação de identidades negras; e como esse processo se deu em relação à cidade de Ponta Grossa. Ao mesmo tempo, buscamos observar práticas culturais e socioculturais presentes nesses eventos, através da análise de trabalhos da memória constituídas no presente via História Oral.

O embasamento teórico utilizado para o desenvolvimento da atual trabalho está presente em Edward Thompson (1992) e Stuart Hall (2003). Thompson pela sua contribuição no viés atrelado à cultura popular e das camadas populares. Já Stuart Hall, o referencial teórico é justamente pelas questões identitárias que serão discutidas nas próximas páginas. Considerando que o presente projeto será construído com base em narrativas de identidades, as obras de Hall foram muito importantes para que as representações de identidades fossem reconhecidas em meio aos discursos narrativos analisados.

A utilização de um referencial teórico voltado para a formação da cidade de Ponta Grossa, formas de sociabilidade negras e a questões de beleza também se fazem presente neste trabalho. As produções que remetem a formação da cidade de Ponta Grossa são de autores locais, artigos inseridos em uma coletânea intitulada de Espaço e Cultura de Ditzel e Sahr (2001), que também aborda de maneira breve as formas de sociabilidade da cidade.

Gill e Lonner (2013) também contribuíram para a formação do referencial teórico aqui utilizado, pois estas autoras possuem produções históricas construídas com base na história oral, onde problematizam os Clubes Carnavalescos Negros em Pelotas no Rio Grande do Sul, que apresentam características semelhantes ao Clube Treze de Maio, com bailes sociais e concursos de beleza negra.

As entrevistas realizadas foram de mulheres participantes dos concursos de beleza negra e de pessoas que frequentaram o Clube Treze de Maio entre os anos de 1985 e 2006, a escolha por esses períodos ocorreu a fim de relacionar as fontes com as narrativas. O acervo particular da instituição aqui exposta possui um grande número de documentos, mas estes são descontínuos, motivo este que fez com que a história oral fosse a metodologia escolhida.

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. (THOMPSON, 1992, p. 44)

Paul Thompson (2013) define a história oral como uma forma de proporcionar aos sujeitos comuns uma forma de equidade na história, pois através desta os homens e mulheres menos consagrados terão seus discursos narrativos considerados e interpretados. Além da história oral, a presente pesquisa teve como metodologia a análise crítica dos documentos como forma de complemento aos discursos narrativos; que são relatos de uma representação vivenciada pelos negros que compunham o clube.

O presente trabalho foi pensado em três momentos distintos: inicialmente é feita uma abordagem histórica e social do clube, destacando sua criação, características e função, antecedida por um breve histórico do espaço em que a instituição está inserida. A seguir, o objeto de análise serão as narrativas de mulheres negras que participaram dos concursos de beleza negra no Clube Treze de Maio, no período de 1985 a 2006, a fim de compreender o que estes eventos significavam para elas e de que forma isso influenciou em suas perspectivas, vivências e formações identitárias. Finalmente, diferentes pontos de vista serão analisados em relação aos eventos, a instituição e ao contexto no qual estavam inseridos, através da reflexão realizada a partir de narrativas de expectadores e organizadores dos concursos de beleza negra.

PONTA GROSSA: UM ESPAÇO DIVERSIFICADO

Compete a princípio uma breve definição do recorte espacial que aqui será analisado, para que fiquem claros os concursos de beleza negra e as dimensões que assumiram para a criação desses eventos. Cabe fazer um histórico da cidade de Ponta Grossa, uma exposição explicativa sobre o Clube Treze de Maio, local onde os concursos eram realizados, para que assim possamos adentrar no tema proposto.

Ponta Grossa é uma cidade que atualmente possui 311.611 habitantes, segundo o último censo realizado em 2009 pelo IBGE. Localizada no se-

gundo planalto do estado do Paraná conta com uma população bastante diversificada etnicamente, sendo 244.813 brancos, 56.099 pardos, 8.629 pretos, 1.514 amarelos e 555 indígenas.

Ponta Grossa apresenta um espaço urbano dinâmico, com transformações constantes tanto na sua estrutura interna quanto no seu espectro social. O crescimento da população urbana leva, de um lado, ao aumento da densidade demográfica em áreas específicas da cidade e, de outro, à expansão da malha urbana em diferentes direções. (DITZEL & SAHR, 2001, p.13)

A cidade se destaca por ser um pólo educacional e industrial. Conta com uma quantidade exportadora significativa de produtos agrícolas. Instituída como cidade no ano de 1862, Ponta Grossa surgiu próxima ao conhecido caminho do Viamão, este que tinha a função de ligar o Sul do Brasil à cidade de Sorocaba e também era conhecido como caminho das tropas, pois era o percurso realizado pelos tropeiros para vender o gado Muar na feira de Sorocaba.

Ponta Grossa recebeu milhares de imigrantes, vindos de diversas regiões do mundo e do país, portanto pode-se dizer que é uma região composta por cultura e sujeitos diferentes o que faz emergir a notoriedade de uma cultura discriminada, através da ausência de reconhecimento de sujeitos na história da cidade, questão esta, que será abordado no decorrer do trabalho.

A cidade tinha para acolhimento espiritual padres e pastores, pois a religião era uma das características que estava presente na vida diária de grande parte dos moradores de Ponta Grossa. É importante ressaltar que a cidade contava com instituições que eram vistas como um local de domínio dos brancos, portanto os negros não tinham livres acesso a estas; entre elas, clubes e Igrejas.

Com a abolição da escravidão, muda-se a estrutura social do país, mas em relação aos principais sujeitos deste processo explorador, os afro-brasileiros, pode-se dizer que “Assim se fez outra página trágica para a história dos negros, que ganharam a liberdade, mas não a dignidade, continuando segregados...” (SANTOS & WALDEMANN, 2006, p.32)

Em relação às igrejas, pode-se dizer que para os afro-brasileiros elas uma forma ascensão não somente religiosa, mas também social o que poderia proporcionar a estes um “ingresso” ao mundo dos brancos. Alguns negros moradores de Ponta Grossa tinham grande devoção à Nossa Senhora do Rosário e frequentavam a capela dessa irmandade. Esta instituição com o passar do tempo passa a ter um ca-

ráter pedagógico voltado para as crianças negras.

Antes disso, dentro da igreja Católica havia a Irmandade do Rosário que era uma reunião de escravos que buscavam preservar seus laços culturais. Satisfeitos com o seu jeito de ser, os escravos tentavam não se sentir diminuídos pelos seus donos brancos. (SANTOS & WALDEMANN, p. 32)

Outro local restrito a presença negra eram os clubes sociais, ambientes estes que eram tradicionais e seguiam o padrão imposto pela sociedade da época. Havia várias dessas instituições na cidade, mas a maioria voltava-se para a reafirmação de uma imagem de cultura europeia; fator esse

que deveria ser revisto e repensado (inclusive na contemporaneidade), visto que a população que reside em Ponta Grossa é diversificada etnicamente.

No ano de 1890, dois anos após abolição da escravidão, a população de Ponta Grossa era de 4.774 habitantes, habitantes, sendo 1.063 negros (somando pretos e mestiços, que eram cerca de 25% da população da cidade. Com base nos dados de pesquisas governamentais, da “Directoria Geral de Estatística” (órgão responsável pelas estatísticas na época) compreende-se que a etnia europeia era predominante na cidade.

Homens					Total
Estado civil	Solteiro	Casado	Viúvo	Divorciado	2300
Branços	1114	499	32	6	
Pretos	119	60	2	1	
Caboclos	107	43	
Mestiços	245	67	3	2	

Mulheres					Total
Estado civil	Solteiras	Casadas	Viúvas	Divorciadas	2474
Branças	1095	560	92	14	
Pretas	128	52	9	1	
Caboclas	101	42	6	...	
Mestiças	296	59	16	3	

Quadro 1- População Recenseada em 31 de Dezembro de 1890 no Estado do Paraná ao sexo, à raça e ao estado civil- Municípios e Paróquias: Ponta Grossa.
Fonte: Directoria Geral de Estatística (1898, p. 90-91)

Analisando os dados pode-se pensar que a predominância de brancos na cidade influenciava e muito nas relações sociais. Surgem daí alguns questionamentos, entre eles em quais locais se desenvolviam as atividades sociais das camadas menos privilegiadas da população? Talvez se a mesma pergunta fosse realizada há um século para as elites que residiam em Ponta Grossa, a resposta estereotipada seria óbvia, nos bares, nas zonas de baixo meretrício e nas ruas.

Com o fim da escravidão, muitos negros passaram a viver na marginalidade, sem empregos, que eram ocupados pelos imigrantes, que também queriam uma vida melhor. A prostituição e o crime foram alguns dos poucos caminhos para esses negros, por sinal, segregados completamente do resto da sociedade (SANTOS & WALDEMANN, 2006, p.32)

Ao contrário do que a população dominante com mais acesso aos bens culturais, econômicos e sociais simbólicos de Ponta Grossa pensava, as camadas populares da sociedade também tinham uma necessidade de pertencimento e de afirmação. Surgia nesse momento uma instituição que atendia e acolhia os sujeitos de anomia social da época, o Clube Treze de Maio, criado em maio de 1890.

UM CLUBE NEGRO EM PONTA GROSSA

No ano de 1888 ocorreu no Brasil a assinatura da Lei Áurea, lei esta que garantia a suposta “libertação” dos negros que eram colocados na condição de escravos. No ano seguinte, 1889 ocorreu a Proclamação da República e junto com ela um ilusório ideal de cidadania para população negra. A menção a 1888 muitas vezes é interpretada como o início da história dos negros, como se antes deste processo estratégico da abolição não houvesse uma história vivenciada por estes sujeitos. É como se os negros antes de 1888 estivessem inseridos única e exclusivamente na condição de escravo.

Pensando em 1890, há uma série de movimentos emergindo, e além do período pós-abolição, ocorreu também o processo de recente transição da Monarquia para República, a elaboração da primeira constituição brasileira republicana. Um período de mudanças, inovações e transições e que pode sim ter contribuído e in-

fluenciado para a criação de clubes negros, não só em Ponta Grossa, mas ainda em várias regiões do País. O Clube Negro em Ponta Grossa não foi a única instituição do Estado do Paraná, há ainda em Curitiba um Clube com a mesma nomenclatura e que está em funcionamento até a contemporaneidade.

Em relação ao Clube Treze de Maio em Curitiba, segundo Edvan Ramos da Silva (2008), este é um patrimônio da cidade e do povo se caracteriza como uma instituição representativa de uma coletividade. E ao versar sobre o tema, é preciso destacar também a importância dos movimentos abolicionistas do Paraná, que desempenharam um papel importante da derrocada do escravismo local e para fundação dessa instituição. Foi partindo de Paranaguá(PR), que o movimento em nossa cidade cresceu evoluindo, através da Imprensa Abolicionista e Republicana.

O Clube Treze de Maio de Ponta Grossa foi fundado dois anos após o de Curitiba, e além da nomenclatura, apresentava o mesmo caráter negro e resiste até a atualidade.



Figura 1- Primeira sede do Clube Treze de Maio, construída em 1921.

Fonte: Acervo Casa da memória Paraná.

Ao analisar a imagem da primeira sede do clube, percebe-se que havia uma grande quantidade de frequentadores, pois somente na fotografia pode-se contar mais de 100 pessoas. Número significativo para a época, considerando que Ponta Grossa ainda era uma cidade de “pequeno” porte. Outro aspecto presente na imagem é a forma como os negros estavam vestidos; os homens aparecem de terno e gravatas e as mulheres aparecem bem vestidas e provavelmente isso não foi apenas para registrar o momento, pois em outras imagens, em momentos posteriores, esta prática se repete.



Figura 2- Membros da diretoria do Clube Treze de Maio s/d
Fonte: Disponível no processo de Tombamento do Clube -
Secretaria de Cultura.

A imagem acima aparenta uma uniformidade em relação aos membros da diretoria. Mostra todos muito bem vestidos, trajando roupas parecidas e usando as mesmas cores. E algo imperceptível é que a foto é do ano de 1985 e todos os membros são negros, dado marcante e que legitima o caráter negro do Clube.

UM CLUBE LITERÁRIO

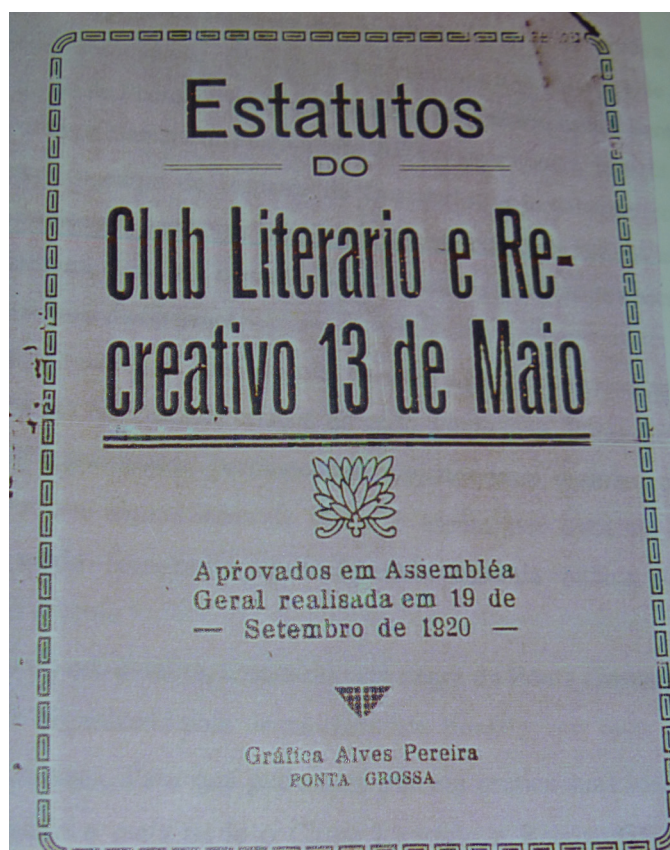


Figura 3- O primeiro Estatuto do Clube Treze de Maio (1920)
Fonte: Acervo Casa da Memória Paraná.

A princípio, o estatuto da instituição, do ano de 1920, deixava explícito o caráter original desta, como Clube Literário, elemento este que faz com que se perceba que a criação da entidade priorizava o letramento da sociedade negra que dela fazia parte. A questão intelectual acompanhou a instituição por algum tempo, através de práticas que priorizavam o incentivo à leitura e a construção de uma biblioteca no interior do Clube, mas segundo as fontes analisadas, com o passar do tempo, o termo literário só se faz presente na nomenclatura da entidade, pois esta prática sequer é comentada nas reuniões posteriores.

O adjetivo literário carrega uma série de significados, considerando que a literatura era uma característica da sociedade burguesa, pode-se dizer que os negros fundadores do Clube Treze de Maio se espelhavam nas camadas dominantes da sociedade e buscavam uma distinção em relação a outras pessoas que não tinham a leitura como prática de vida comum.

De acordo com a revista literária, "Literatura" vem do Latim "*litteris*", que significa letras; Podendo dizer, portanto, que literatura é o conjunto de saberes envolvidos na produção escrita de uma época ou de um país; e que a sua principal função é contribuir para o desenvolvimento do homem, atuando em sua formação acadêmica e profissional.

Há uma gama de definições para literatura, algumas carregadas de amplos e diversos significados, o que faz com que esta prática seja vista de diferentes formas. No caso do Clube Treze de Maio o sentido dessa prática burguesa ia ao encontro da definição proposta por Eagleton, de que "A literatura é mais o emprego da linguagem do que ficção ou imaginação" (2000, p. 2).

Com emprego da linguagem os negros responsáveis pela criação da instituição literária buscavam uma forma de equiparação social; e esta poderia ser alcançada através da linguagem, pois estes carregavam consigo a marca da escravidão em seus fenótipos, o que fazia com que fossem inferiorizados em relação a suas práticas sociais. Amparados pela literatura, certamente isso poderia ser amenizado.

Atualmente a consideração colocada ainda permanece. No Brasil, cor de pele aparece como "propriedade", ou você é branco ou é subjugado ou inferiorizado socialmente, no caso dos pretos. Não há como negar o fato de que um negro bem formado, que tenha conseguido se destacar profissionalmente, apoiado em seu desenvolvimento cognitivo e

intelectual seja diferenciado dos outros negros que não tiveram as mesmas oportunidades e permanecem no anonimato. É importante ressaltar ainda que não bastava ser alfabetizado, era preciso ter o letramento como um elemento que compõe a vida do “homem de cor” bem sucedido.

Enfim, pode-se dizer que ocorreram mudanças significativas em relação ao significado de alfabetização. Atualmente são consideradas pessoas alfabetizadas aquelas que além de escrever e ler seu próprio nome conseguem escrever uma quantidade significativa de palavras.

É comum as pessoas confundirem alfabetização com letramento, mas este último é um termo que passou a fazer parte do âmbito educacional não faz muito tempo, embora esteja relacionado diretamente a alfabetização, não é mesma coisa. Ser alfabetizado não significa ser letrado (KLEIMAN, 2005, p. 11) informa que o letramento não é alfabetização, mas a inclui. Já TFOUNI descreve que o letramento:

Não se restringe somente àquelas pessoas que adquiriram a escrita, isto é, aos alfabetizados. Buscam investigar também as consequências da ausência da escrita a nível individual, mas sempre remetendo ao social mais amplo, isto é, procurando, entre outras coisas, ver quais características da estrutura social tem relação com os fatos. Pois, a ausência tanto quanto a presença da escrita em uma sociedade são fatores importantes que atuam ao mesmo tempo como causa e consequência de transformações sociais, culturais e psicológicas às vezes radicais. (TFOUNI, 2006, p. 21)

No caso dos negros, as transformações sociais podem sim ocorrer através da leitura, pois esta prática fornece uma formação letrada bastante válida para uma melhor condição econômica e reconhecimento social.

No momento da escolha pela nomenclatura da instituição, certamente os negros pertencentes ao Clube Treze de Maio não previam que a marca da escravidão seria tão forte, a ponto de ser considerada indelével para grande parte da população brasileira; e que letrados ou não, sempre seriam considerados diferentes e inferiores em relação aos brancos. A questão não era intelectual ou cognitiva, era social e de classe, pois o contexto aqui tratado, pós-período escravista ainda se fazia presente na memória da sociedade brasileira, e era marcado por uma ideologia de branqueamento e a questões de perpetuação de poder e fato este que excluía “naturalmente” o negro do processo social do país.

Apenas o branco é sinônimo de valores positivos, desde os valores mais elementares do cotidiano, como aqueles relacionados ao “status” social. Se o negro quiser fazer parte do estrato superior deverá abdicar da sua raiz “inferior” e tornar-se “branco”. (SILVA, 2000, p. 104)

O tornar-se branco para os sócios do Clube Treze de maio pode ser interpretado como a inserção da prática literária como um elemento que compunha a instituição, o que era um diferencial para a sociedade na época.

No ano de 1890 a população brasileira era de 14.333.915 pessoas, sendo 12.213.356 analfabetos. Já em Ponta Grossa a população analfabeta era de 3.466 pessoas (mais de 70% da população), segundo dados extraídos da Directoria Geral de Estatística. Analisando os dados já citados e o histórico da importância do processo de letramento, pode-se dizer que o termo literário presente na nomenclatura do Clube Treze de Maio foi uma forma que os negros responsáveis pela instituição encontraram para dizer que embora negros, eram diferentes ou até mesmo superiores a outros negros e brancos, pois eram letrados, intelectuais. É claro que este processo tem que ser pensando não de maneira mecânica, mas processual e atento ao vivido à época, e não com as categorias de pertencimento atuais.

Além do enfoque literário, outro item que não pode passar despercebido são normas presentes no estatuto do clube. Já no primeiro artigo pode-se observar de que forma os negros que elaboraram esse documento se viam. Rotulavam-se como cidadãos úteis ao desenvolvimento da cidade, fator esse que faz com que uma autoimagem positiva vá aos poucos ganhando maturidade, mas nada tão impactante a ponto de reformar antigos valores alheios que estavam intrínsecos em uma sociedade que foi influenciada pelo período escravista.

É notável ainda que o estatuto fosse composto por características e normas que moldavam a instituição com um caráter disciplinador aos frequentadores do Clube; que obteve resultado por um longo período, pois o próximo estatuto, datado de 1976 baseou-se neste. Percebe-se no decorrer do estatuto, preceitos rígidos que prezam pela ordem dos associados, não só na instituição, mas ainda em ambientes externos. A importância do bom comportamento dos associados, boa conduta, disciplina e honestidade, foi possível compreender que havia no regimento do estatuto uma hierarquia que deixava a diretoria do Clube como um órgão a ser respeitado, caso ocorresse o contrário, haveria eliminações de “desordeiros”.

A CRIAÇÃO DE UM CLUBE NEGRO

A instituição negra foi fundada no ano de 1890, e teria sido encabeçada por Cassemiro Cardoso, Firmino Souza, Lúcio Alves da Silva, Pedro Souza, Tristão Santos e outros negros intelectuais de renome na cidade.



Figura 4- Lúcio Alves da Silva: Um dos Fundadores do Clube Literário e recreativo Treze Maio e o primeiro presidente da Instituição. s/d
Fonte: Acervo Clube Treze de Maio.

Embora Lúcio Alves da Silva tenha sido colocado como fundador do Clube Treze de Maio é importante citar que há divergências em relação a essa informação:

Em treze de maio de 1890, dois anos após a assinatura da Lei Áurea, é fundado o clube literário e recreativo 13 de maio. Seu propósito era o de cultivar e integrar o negro na sociedade. Fundado por Luiz Marias Bento, hoje o clube é um dos melhores da cidade. (Diário da Manhã, 15 mar. 1992, p. 06).

Há ainda uma monografia de trabalho de conclusão de curso da UEPG expõe a seguinte informação:

Mas, ainda com relação a sua fundação, encontramos no Diário Oficial do ano de 1936, os nomes daqueles que teriam sido os verdadeiros fundadores da sociedade: Os fundadores da sociedade foram Vidal Branco, Luiz Marias Bento e Cassemiro Cardoso de Menezes (CAMARGO & ROSA, 1999 p.43).

Com base nas datas de documentos aqui citados, há como pensar que a informação forneci-

da pelo jornal Diário da Manhã, de março de 1992, pode ter sido embasada na afirmação do Diário Oficial, portanto não há indícios nas demais fontes disponíveis que comprovem que Luiz Marias Bento tenha sido o único fundador da instituição.

Optei pela afirmação que remete a Lúcio Alves da Silva, devido à análise dos documentos encontrados no acervo do próprio clube; entre eles um documento manuscrito intitulado de “Biografia do Líder Lúcio Alves da Silva”.

O presente documento foi produzido por Adelino Alves da Silva Junior (neto de Lúcio Alves da Silva o primeiro presidente do Clube). Datado em 23 de abril de 1988, apresenta uma redação coerente e linear: e a princípio não aparenta indícios de inverdades, uma vez que o autor faz questão de ser identificado, colocando nome, assinatura e local em que residia.

O documento apresenta uma série de elementos significativos para a compreensão da história dos negros na cidade de Ponta Grossa, mas o que mais chama a atenção é a data do documento. Um mês antes da comemoração do centenário da abolição da escravidão; isso faz pensar, que havia uma preocupação por parte de Adelino Alves da Silva em registrar a história de seu avô e consequentemente manter as memórias de sua família, mas também faz pensar na possibilidade de uma produção de uma história “romantizada” e contínua a fim de proporcionar uma maior visibilidade histórica a seus familiares. Além é claro, de ser uma prática de dar sentido à efeméride que se publicisava por diferentes sujeitos e grupos no país.

Adelino coloca Lúcio Alves da Silva como um líder, e fez questão de deixar registrado na pequena biografia de doze páginas as conquistas profissionais e sociais do líder. Outro fator que fez com que os escritos de Adelino Alves da Silva fossem levados em conta foi o fato de que as afirmações contidas em na sua produção biográfica se repetissem em outras fontes já citadas (jornais, monografias e obras de a história local).

Há uma série de informações presentes no documento que remetem a informações verídicas, entre elas o papel de Lúcio Alves da Silva no Clube Treze de Maio, sua profissão e sua contribuição para a cidade. O nome da rua em sua homenagem ainda permanece e grande parte das fontes encontradas fazem menção ao indivíduo e a informações que Adelino Alves da Silva colocava em sua produção documental.

O clube se destaca por sua História, permanência no tempo e seu caráter receptivo. Atualmente com 123 anos, a entidade mantém algumas características originais. A construção localizada na Rua General Carneiro, esquina com a Teodoro Rosas, número 1069, ainda conserva a estrutura de sua construção datada de 1936. O prédio que levou cerca de dois anos para ficar pronto conta com um espaço modesto, bem distribuído em salão de eventos (acompanhado de um pequeno palco), cozinha, banheiros, camarim e logo na entrada uma sala de recepção.

A primeira construção era de madeira. Já a segunda e definitiva sede era de alvenaria e foi construída com objetivo de assegurar o direito à normalidade aos seus frequentadores e sócios beneméritos. Ainda que de forma indireta, os criadores da sociedade literária Clube Treze de Maio prezavam a conservação e o fortalecimento de suas identidades negras, mas para que suas crenças e costumes não fossem questionados, eles adotavam práticas comuns dos brancos na sociedade branca, entre elas bailes sociais e concursos de beleza.

Os bailes sociais do Clube Treze de Maio eram semelhantes aos demais clubes, pois os negros que o frequentavam, tinham como referência as instituições da população branca e buscavam ainda que irrefletidamente uma forma de igualdade. Pode-se dizer que houve um longo processo até que os negros associados ao Clube Treze de Maio reproduzissem seus eventos de forma autônoma, valorizando as expressões de sua cultura.

OS CONCURSOS DE BELEZA NEGRA E AS MULHERES

Uma das atividades de maior visibilidade do Clube Treze de Maio, de Ponta Grossa, foram certamente os concursos de beleza. Reside nesta dinâmica sociocultural engendrada pela e na instituição o foco deste capítulo.

Uma série de eventos e concursos de beleza passaram a fazer parte das noites do Treze de Maio e que certamente contribuíram para a auto afirmação dos negros. Em destaque, os concursos de beleza negra. Segundo o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda, um dos significados da palavra concurso é; ação de entrar em concorrência com outros por pretender alguma coisa; no caso da instituição negra, era justamente esse o objetivo.

O atual trabalho toca em questões de gêne-

ro, mas com aspectos raciais e considerando esta informação é importante expor que no passado as mulheres não tinham um espaço de destaque na sociedade. Sabe-se que no momento em que estas são inseridas no mercado de trabalho, seus salários eram e ainda são (na maioria dos casos) inferiores aos dos homens, elemento que contribuiu para uma série de descontentamentos e reivindicações que colaboraram para a criação do movimento feminista.

A questão da inferioridade da mulher em relação ao homem não é algo recente, muito pelo contrário. Ainda que a história dos marginalizados, negros e mulheres seja algo “recente” pode-se dizer que há uma preocupação pública que reconhecia a luta das mulheres, mas isso só veio a ocorrer na Constituição Federal de 1988, quando a igualdade jurídica foi, depois de muitas lutas, atribuída às mulheres; e isso foi um avanço, pois se percebe na atualidade que a centralização masculina está aos poucos abrindo espaço para a participação feminina.

Embora as narrativas aqui citadas sejam de mulheres pertencentes a um período recente, ainda há uma concepção machista presente na sociedade brasileira. As mulheres passaram a ampliar suas funções e a fazerem parte de postos de trabalho (industriais) apenas no século XX, e era uma quantidade mínima, pois os valores tradicionais que associavam a mulher ao serviço doméstico era o que predominava; pois segundo os valores tradicionais elas pertenciam ao gênero que era destinado a isso.

O gênero aqui exposto é o feminino, o mesmo que era submetido aos domínios de uma sociedade patriarcal, e visto como “propriedade” submissa ao gênero masculino. Considerando que as mulheres que participaram desses concursos estavam inseridas em uma sociedade movida por valores tradicionais onde o homem era sinônimo de evidência, pode-se dizer que os concursos de beleza negra eram de grande importância para que determinadas mulheres buscassem espaço sociais.

Para a antropóloga Mirian Goldenberg (2000) o papel da mulher sempre foi restrito ao mundo privado. Vencer um concurso era, e ainda é, uma forma concreta de ocupar um lugar de destaque na vida pública.

A citação de Mirian Goldenberg faz pensar que o fato de ser mulher já era sinônimo de inferioridade em relação aos homens na sociedade. Mas, e o fato de ser mulher e negra? Estas eram as características que permeavam a vida das participantes dos concursos de beleza negra. Não bastava ir ao Clube Treze

de Maio, você tinha que ser “vista” lá. Isto era um traço em relação as formas de sociabilidade, e para as concorrentes os concursos proporcionavam uma forma de visibilidade.

Contudo, nos concursos de beleza, o que estava em jogo era a afirmação de um novo padrão de beleza estética. O que se tentava provar era que a “raça” negra também podia ser bela e que os critérios de beleza fundados apenas no modelo estético branco não eram os únicos a serem contemplados. Para um grupo étnico tão desprestigiado na sociedade brasileira, essa foi uma inovação fundamental e que repercutiu em seu comportamento posterior e na estratégia de auto afirmação étnica. (GILL & LONNER, 2009)

Padrão de beleza era algo que excluía as mulheres negras do processo de disputa por títulos em concursos tradicionais, pois as negras carregavam características fenotípicas que durante muito tempo eram vistas como negativas. Inclusive nas obras relacionadas à história da beleza ou do belo, os negros não são mencionados e muito menos descritos. Já em relação a referenciais negativos, é comum o exagero e a depreciação desta população acerca de suas características físicas. Muitas vezes os negros eram colocados como elemento feio com traços exagerados e mal elaborados.

Quanto ao perfil das mulheres que participavam dos concursos de beleza aqui problematizados, estas eram pessoas comuns e tinham coisas em comum. Eram negras e dentro da instituição encontravam uma forma de se destacarem. O objetivo dessas participações era exclusivo de cada uma e esta conclusão foi percebida através das entrevistas orais realizadas com as participantes.

AS NARRATIVAS

A primeira entrevistada foi Cinthia dos Santos Araújo, atualmente com 35 anos, Cinthia é solteira e vive na cidade. Nascida em Ponta Grossa, trabalha como secretária e mora com os pais. Cinthia concedeu uma entrevista sobre sua participação nos concursos de beleza no Clube Treze de Maio, e expôs como foi essa experiência. A entrevistada apresentou-se como uma negra muito elegante e aparentou estar bem à vontade ao falar sobre o assunto:

Na verdade quando eu iniciei esses concursos, o treze de maio era visto como o clube dos negros, ainda era, o que vinha de tradição de muito tempo atrás. Então a maioria das participantes eram da cor negra. Era o único local aberto para que a raça negra pudesse participar desse tipo de concurso. (ARAÚJO, 2013)

Através do depoimento de Cinthia, entende-se que o Clube Treze de Maio era de tradição negra, mas que independente dessa característica, era também aberto para a população não negra. Cinthia concorreu no ano de 2001 e embora já tivesse passado mais de cem anos da “libertação” dos escravizados, ainda não havia lugares em Ponta Grossa, além do Clube Treze de Maio, que realizasse esse tipo de concurso voltado para as mulheres negras.

Pelo fato de o clube ser um clube mais direcionado para a raça negra, as pessoas não tinham tanto conhecimento assim de concursos e de eventos que eram feitos. Então esses concursos graças ao casal Roselei e Vera; eles valorizavam muito as meninas, eles faziam com que as meninas se sentissem ao mesmo nível das outras, que participavam de outros concursos de outros clubes. (ARAÚJO, 2013)

Embora os concursos fossem destinados para mulheres negras, é importante destacar que nem todas as concorrentes frequentavam assiduamente o Clube, portanto as mulheres que tivessem interesse em participar destes eventos precisavam estar atentas ao que ocorria na instituição. Cinthia coloca os concursos como responsável pela elevação da auto estima negra feminina e ao mesmo tempo destaca o perfil negro da instituição. Estão presentes ainda na entrevista de Cinthia duas pessoas que tiveram grande vínculo com o clube e que foram os responsáveis pela criação dos concursos, Vera e Roselei, testemunhos estes que serão citados e abordados posteriormente.

Os concursos não se limitavam a desfile e apresentação das candidatas, segundo Cinthia “A gente aprendia a interagir com a sociedade, não só com a raça negra, mas com todas as pessoas que estavam no meio, ali do treze de maio. (ARAÚJO, 2013)

Esse trecho da entrevista não faz referência às outras mulheres negras que faziam parte da instituição e que não participavam dos concursos. Qual seria então a forma de destaque encontrada por elas para serem notadas em uma instituição, que valorizava muito as concorrentes e as vencedoras dos concursos ali realizados? Será que havia uma separação interna dentro do clube, entre as participantes e as espectadoras?

O casal Vera Lucia Laranjeira Manoel e Roselei do Rocio Manoel que Cinthia dos Santos Araújo mencionou aparecem na imagem referente ao concurso da mais bela mulata. Esta imagem é bastante rica em detalhes, e o que chama muita atenção, à primeira vista, é a grande quantidade de candidatas que buscavam o título de A Mais Bela Mulata. Eram

16 mulheres e todas trajavam o mesmo estilo de roupas (saías) e todas eram negras.

Vera é advogada previdenciária e Roselei atualmente encontra-se com alguns problemas de saúde e por esse motivo, até o presente momento não foi possível entrevistá-lo para saber sobre sua participação como sócio e depois como presidente da instituição; mas o que se pode afirmar é que ambos são envolvidos em atividades culturais relacionadas a uma maior visibilidade do negro na cidade e em desfiles de carnavais e escolas de samba, o que certamente pode ter contribuído para a organização dos concursos de beleza negra.

Outro aspecto notável na imagem é a nomenclatura dada aos concursos, que se voltava muito para a questão do ser negro. Os nomes dos eventos variavam, iniciou-se com, A noite da Negra, A mais bela Mulata, seguindo para: A rainha da primavera do Clube Treze de Maio e até chegar ao concurso A mais Bela Negra. Esse último oferecia um título muito cobiçado dentre as participantes, pois é nesse momento que a comissão organizadora do concurso promete uma maior divulgação da negra vencedora, em ambientes externos; os prêmios variavam, desde cursos de modelo, books até participação em desfiles em agências de manequins locais.

Houve uma dificuldade em historicizar datas em relação aos concursos de beleza negra, pois eles eram dispersos. Mas o que se pode afirmar é que o concurso a mais bela mulata foi precedido pelo concurso da noite da negra, que depois deu lugar ao concurso da mais bela negra. Em meio a estes concursos já citados houve outros eventos que também buscavam uma bela negra, mas com outros atributos. A escolha da rainha das escolas de samba, por exemplo, não era um concurso de exclusividade negra, mas geralmente o título era destinado a elas, pois na maioria dos casos (na instituição aqui tratada) as negras eram mais familiarizadas com o samba.

A segunda entrevistada foi Cleumari de Fátima Heidmann, moradora de Ponta Grossa, atualmente com 45 anos, Cleumari é formada em administração e atua na área financeira. Mãe de dois filhos e viúva. Concorreu no Clube Treze de Maio há 28 anos no baile de primavera.

[...] sabia dos concursos que aconteciam e tinha interesse; e depois de ter assistido um concurso, achei assim, muito bem organizado, achei que era muito bem valorizado as pessoas que participavam. E tive interesse, fui me preparando na época [...] (HEIDEMANN, 2013)

A fala de Cleumari expõe a abrangência social dos concursos de beleza negra e atenta ao fato de que estes eram comentados também fora do Clube, visto que a entrevistada passa a frequentar a entidade através dos concursos. Pode-se perceber que os concursos eram eventos esperados pelas mulheres e que se preparavam pra isso.

A entrevistada expõe o seguinte relato: “Quem frequentava o clube já estava lá por que gostava, amava muito o clube, se sentia muito à vontade, e eu sou negra também, é claro que eu me sinto mais à vontade ainda.” (HEIDEMANN, 2013).

Na entrevista de Cleumari, encontra-se fatores semelhantes a entrevista de Cinthia dos Santos Araújo, pois ambas colocam o clube como um ambiente destinado à raça negra, mas não exclusivamente. Nesse pequeno trecho citado, Cleumari atribui ao clube emoções pessoais que são facilmente relacionadas ao pertencimento.

Agora assim, falando hoje ou analisando naquela época o que acontecia. Existia certo preconceito sim, não vou dizer que não existe, existia sim. De algumas pessoas que não conheciam, na época eu comecei a namorar uma pessoa que nunca havia entrado lá, então, tinha uma idéia muito diferente do que realmente era. Do que realmente acontecia, dos eventos que aconteciam no clube. (HEIDEMANN, 2013)

A fala de Cleumari remete ao contexto social em que os concursos estavam inseridos. A ex-participante apresenta uma percepção bastante clara em relação ao preconceito, quando expõe qual era a ideia que a população (branca, no caso de seu namorado) não frequentadora do clube tinha a respeito do mesmo, pensamento este que se reafirmava com as críticas constantes que uma parcela da população remetia ao Clube.

O Clube Treze de Maio foi alvo de críticas e denúncias por várias vezes e muitas delas envolviam os moradores que residiam no entorno da instituição, estes alegavam uma série de motivos para uma extinção da instituição e atentavam para a permanência de menores no recinto. O argumento dos testemunhos que depuseram contra a instituição recreativa não condiz com a forma em que Cleumari descreve as noites festivas do clube.

Hoje eu tenho a minha filha com 15 anos e eu olho e tenho a certeza que ela não tem hoje um clube que ela poderia participar com essa idade; poderia participar de um concurso e que eu estivesse lá, a minha família estivesse lá. Hoje a gente já não tem, já não consegue é, ter mais em nossa cidade um clube assim que vão as famílias inteiras, participam; Vai

o Vô a vó, a mãe vai lá, ouve uma música gostosa, é um ambiente familiar, isso a gente não consegue ver mais. (HEIDEMANN, 2013)

Após a leitura e análise da entrevista de Cleumari, se tem a confirmação que os testemunhos que acusavam a instituição de receber menores era verídico, mas que os menores iam acompanhados de seus respectivos pais, pois era um clube familiar. É importante esclarecer que a entrevistada concorreu no ano de 1985, ano em que o abaixo assinado foi realizado e ano de elaboração do relatório de sentença. Considerando que Cleumari de Fátima Heideman não possui nenhum vínculo com o Clube, há uma grande chance do abaixo assinado ter sido construído com má fé, visto que a localização do clube Treze de Maio é privilegiada e com base em especulações, este seria um ótimo ponto comercial.

A terceira entrevistada foi Silionara Aparecida Madureira. Solteira, com 33 anos, mãe de um filho e residente na Cidade de Ponta Grossa. Nara (como gosta de ser chamada) é formada em Letras-Licenciatura, pela UEPG e atualmente é mestranda do Programa de Linguagem, Identidade e Subjetividade. Nara tem uma trajetória muito marcante em relação ao Treze de Maio.

Bom. Confesso que o Treze de Maio, ele faz parte da minha vida desde que eu era criança, mas eu sempre me neguei a entrar no Treze de maio; por que na época não era, na década de 80, não era um clube assim, muito renomado. A população negra sempre tinha motivo de chacota. O pessoal tirava muito sarro. (MADUREIRA, 2013)

Com base na exposição feita por Silionara e no relatório de sentença já exposto, compreende-se que foi construído erroneamente ao longo dos anos uma imagem negativa do Clube. Representação sustentada com base em discursos ideológicos hegemônicos e brancos. Aparenta nesse pequeno trecho da entrevista o quanto era difícil “refazer” uma nova imagem da instituição e dos sócios que dela faziam parte, pois neste momento o branco era visto como norma.

E quando a minha mãe ia, eu ia obrigada. Sempre chorava, eu falava: Eu não gosto de ir no Treze de Maio, quero ir no carnaval de rua, o treze de maio é feio, tem pessoas feias. Por que foram, digamos, vivi sobre as histórias únicas que me foram contadas então da mesma forma que a população negra é vista até hoje, com estereótipos. (MADUREIRA, 2013)

Está presente na entrevista de Silionara além da questão de inferioridade atribuída aos frequentadores do clube, a representação da instituição no imaginário social. Ainda neste trecho, nota-se que a

mãe da entrevistada aparece como a pessoa responsável pelo incentivo às visitas na instituição; como uma nova prática, com novos olhares e sentidos, pois esta, segundo Silionara, frequentou assiduamente o Clube.

Em 2002 teve o concurso da mais bela negra que até então, depois eu nunca mais pisei. E eu encontrei o Anderson (rei momo) e ele me convidou para participar. Eu falei que eu não queria porque sempre tinha “chuncho” e eu falei, vai ganhar uma branca e ele falou: Não! Não vai ganhar uma branca por que o concurso é a mais bela negra. (MADUREIRA, 2013)

Nota-se uma relação de descontentamento por parte da entrevistada sobre a instituição. É percebível ainda uma falta de seriedade que Silionara atribuía aos concursos quando estes contavam com concorrentes brancas; pois se isso ocorresse, o resultado já era esperado; elemento este que faz com que surja o seguinte questionamento: Por que a concorrente acreditava que ia ganhar uma branca?

Seria uma relação de inferioridade em relação as mulheres brancas, ou seria uma prática comum dos concursos de beleza realizados na cidade de Ponta Grossa que fez com que Silionara encarasse com naturalidade o fato de “ganhar uma branca”? Ou seria a exposição de uma experiência vivenciada pela entrevistada que faz com que ela pense desta forma? Digna de questionamento a presente informação.

E os concursos do Municipal (digo do Municipal que eu me refiro é o concurso de rainha do carnaval) era só relacionado à beleza, então, normalmente ganhavam o clube Ponta Lagoa, o Guaíra (também tem muitos títulos) e que nem existe mais, o Clube Dante Alighieri e o Olinda também, que mesmo que era considerado da população mais humilde; mas também eram com candidatas brancas, então as meninas eram sempre das mesmas características, eram loiras dos olhos claros. (MADUREIRA, 2013)

A fala de Silionara esclarece o perfil que predominava nos concursos da época. O mais curioso é que embora o concurso fosse de samba (carnaval) este artifício era deixado de lado quando as candidatas se destacavam por sua “beleza” tradicional.

Os concursos de beleza negra realizados no Clube Treze de Maio estavam relacionados com o baile de carnaval da cidade de Ponta Grossa, pois a negra que ganhasse no interior do Clube e soubesse sambar, ia direto concorrer no Municipal. No caso de Silionara, esta não ganhou o primeiro lugar no concurso “A mais Bela Negra”, porém sambava muito bem, foi quando teve interesse em representar o clube no Baile de Carnaval Municipal.

E eu pedi para o presidente, liguei pra ele e para a esposa dele a Vera, e eles me negaram falaram que eu não podia participar por que eu já era mãe. E eu achei um absurdo, e eu falei: Poxa, ele já tá fazendo de certa forma uma discriminação, selecionando que só podem ser negras, mas tudo bem, eu entendo...até pela história do Clube, mas ele disse que eu não poderia. (MADUREIRA, 2013)

A entrevista de Silionara Madureira traz à tona uma série de questão atrelada aos concursos de beleza negra que questionam o caráter “não discriminatório” da instituição. E ao mesmo tempo deixa subentendido qual era o contexto conservador o qual o clube estava inserido.

Na imagem referente ao concurso da mais bela mulata, realizado em 1984, percebe-se que as vencedoras apresentam traços de negritude e que havia um padrão de vestimentas, pois todas trajavam vestidos. O fato da exigência por um tipo de roupa específica pode ser considerado como uma forma de padronizar as participantes, pois embora elas apresentassem características físicas semelhantes -cor da pele, cabelos enrolados e sorrisos marcantes- cada uma possuía uma identidade e um estilo, elemento estes que poderiam favorecer ou não a candidata no momento de sua apresentação.

Mas é “para a diversidade não para a homogeneidade da experiência negra que devemos dirigir integralmente a nossa atenção criativa agora”. Não é somente para apreciar as diferenças históricas e experienciais dentro de, e entre, comunidades, regiões, campo e cidade, nas culturas nacionais e entre as diásporas, mas também reconhecer outros tipos de diferença que localizam, situam e posicionam o povo negro. (HALL, 2003, p. 346)

Esta diversidade se fez presente desde o primeiro momento da realização de cada entrevista. As candidatas eram mulheres e negras, mas cada uma tinha sua história de vida, seus sonhos, suas perspectivas, opiniões, cultura e memórias; memórias que foram construídas ao longo de processos sociais inseridos em um ambiente negro, com cultura negra e com pessoas negras- ambiente este que proporcionava as participantes dos concursos um momento de pertencimento, que no decorrer das falas se transforma em reconhecimento identitário e tão verdadeiro a ponto de ser naturalizado por elas.

Considerando a citação de Stuart Hall, pode-se dizer que os concursos de beleza negra do Clube Treze de Maio são objetos de grande importância para a análise identitária das concorrentes que deles participaram, pois estes eventos não eram homogêneos, tampouco sem conflitos.

Através das memórias contadas pelas entrevistadas acerca dos concursos, pôde-se analisar também a forma de organização desses eventos, se eram divulgados, planejados e qual a impressão que as candidatas tinham em relação a isso. Silionara esclarece a sua visão, “Nós nos inscrevemos minutos antes e achei que não foi muito bem organizado, que não foi divulgado, por que se não eu saberia antes, teria me organizado melhor”. (MADUREIRA, 2013).

Além da exposição da lembrança do ressentimento momentâneo, Silionara ainda esclarece rapidamente a questão da organização do concurso que foi realizado no ano de 2002. Que se contrapõe a fala de Cleumari.

Eu tinha interesse, na época eu tinha 17 pra 18 anos e sabia dos concursos que aconteciam e tinha interesse e depois de ter assistido um concurso, achei assim, muito bem organizado, achei que era muito bem valorizado as pessoas que participavam. (HEIDEMANN, 2013)

Nota-se que houve uma mudança significativa desde o ano de 1985 em relação a organização dos eventos, pois Cleumari expõe claramente que os concursos eram bem organizados, afirmação esta que não condiz com a opinião de outras entrevistadas que concorreram posteriormente.

A quarta entrevistada foi Delvana Bueno, atualmente com 34 anos, carnavalesca, artesã e mãe de meninos gêmeos. Natural de Ponta Grossa, Delvana é filha de donos de escola de Samba e é bastante envolvida com projetos sociais, inclusive está formando uma ONG que é destinada a menores que tem interesse em música e dança. E teve sua participação de forma marcante no Clube Treze de Maio.

A entrevista de Delvana abordou não só os concursos de beleza negra como também o Clube em si e a sociedade que este faz parte. Delvana Bueno concorreu no Clube Treze de Maio no início dos anos 2000, e foi a vencedora. A entrevistada começa fazendo uma breve exposição de sua visão sobre a instituição que sediava os concursos. Para ela “O treze de maio é um Clube de Raízes! Um Clube de tradição, com muitas histórias bonitas e tristes aqui dentro da nossa cidade de Ponta Grossa”. (BUENO, 2013)

Com uma carga emocional, Delvana se refere ao clube com grande apreço. Ainda nesse pequeno trecho nota-se um aspecto que está presente nas outras entrevistas, mas em outros termos. A entrevistada coloca o Clube Treze de Maio como um clube de raízes e tradição. E isso se relaciona com a entrevista de Cinthia, quando esta afirma que “Na

verdade quando eu iniciei esses concursos, o Treze de Maio era visto como o clube dos negros, ainda era, o que vinha de tradição de muito tempo atrás. Então a maioria das participantes eram da cor negra elas participavam”. (ARAÚJO, 2013)

Observa-se que Cinthia dos Santos Araújo e Delvana tinham uma visão parecida sobre o caráter da instituição, talvez isso esteja relacionado ao fato de que as duas concorreram em períodos próximos.

Delvana faz uma série de menções aos concursos e algumas até negativas, entre elas a pouca divulgação dos concursos e a pouca preocupação do poder público com a instituição em que estes eram realizados.

Como outros clubes e nem a prefeitura se interessava na época em fazer concursos com negras, a mais bela negra, a noite da negra, então o Treze se tornou um clube conhecido na cidade. Um clube de raízes negras por causa disso. (BUENO, 2013)

Fica evidente um aspecto a ser considerado; o fato da limitação das candidatas negras em outras instituições, fator esse deve ser estimado quando se pensa a criação dos concursos. Embora seja frágil o argumento de Delvana, este é muito interessante quando ela atribui aos concursos de beleza negra o fato do clube ser considerado uma instituição de “raízes negras”. Segundo a entrevistada, o clube “Era aberto pra quem quisesse assistir esses concursos, só que são poucos. Como eu acabei de dizer né, eram poucos os que iam, mas eram branco, loiro, negro. Era quem gostava de samba e não era bem divulgado”. (BUENO, 2013)

Percebe-se que no momento em que Delvana concorreu no ano de 2002, os concursos eram abertos para toda a população e o clube para quem gostasse de samba. Após o seu depoimento pode-se dizer que o ritmo predominante da instituição era o samba e que tanto o samba quanto os concursos, eram prestigiados por negros, brancos e loiros.

Cor da pele era o fator mais importante, a beleza era bastante significativa, mas o que realmente garantia uma boa relação com o Clube e a classificação nos concursos era o samba no pé, fator este que era uma característica marcante do Clube Treze de Maio, devido ao histórico da instituição, que sempre esteve envolvida em desfiles de blocos carnavalescos e de concursos de rainhas de carnaval da cidade.

A menção ao samba pode estar diretamente relacionada ao histórico deste estilo musical que pos-

sui uma nomenclatura de origem angolana, mas foi criado no Brasil e está diretamente relacionado aos negros e é datado de 1838 e “É considerado um Gênero musical que nasce numa adaptação das raízes da cultura africana, através dos séculos e da transplantação do termo umbigada ou semba, chegando ao Brasil onde se estabelece sua forma definitiva” (ALVES, 1976, p.15).

Segundo Napolitano e Warsseman (2000, p. 180-181) este ritmo é visto então como um movimento de continuidade e afirmação dos valores culturais negros, uma cultura não oficial e alternativa, que seria uma forma de resistência cultural ao modo de produção dominante da sociedade carioca do início do século XX.

Nota-se, neste caso, a aceitação plena de uma construção: o samba como resultado da “alma popular” dominando o cenário musical a partir do período correspondido entre os anos 1910 e 1920. Nesta versão consolidada, o samba surge como o produto de uma tradição popular que resistiu à perseguição e ao preconceito até o triunfo. (GOMES, 1998 p.182)

O samba foi criado pelos negros no século XIX e alvo de perseguições por ser uma prática negra. Permanece de forma ativa na cultura brasileira, ainda que esteja diretamente relacionado ao Carnaval, este ritmo é uma característica do período escravista. O samba hoje é algo que não se limita aos negros, mas como a sociedade brasileira é “dependente” de rótulos, o negro ainda permanece associado ao Samba.

No caso do Clube Treze de Maio, não era muito diferente, considerando que a entidade aqui citada é um clube negro e criado no ano de 1890, um pouco antes do samba ser considerado como gênero musical, logo este ritmo estaria presente em suas noites festivas e muitas vezes atrelado aos concursos conforme já citado nas narrativas.

O ritmo musical aqui referenciado era o eixo principal dos concursos de beleza negra quando estes envolviam dança. Os concursos eram positivos através do samba, pois este é referenciado em quatro das cinco entrevistas.

Para Delvana este atributo está relacionado à raça negra, não apenas pelo ser negra, mas ainda pelas experiências anteriores que lhes garantiam esse aprendizado. Como verbalizou: “Tinha que ser mulheres que sambassem! E sempre não por preconceito algum, mas sempre quem veio de escola de samba e sabia sambar eram as negras”. (BUENO, 2013)

Além de Delvana, Cleumari de Fátima Heide-

mann também faz um apontamento muito importante para compreender a abrangência do samba nesses concursos e qual as suas consequências e repercussão entre os frequentadores e organizadores dos eventos.

Então toda a cidade sabia que a pessoa que tivesse condições de participar do concurso, sambasse bem, mas se ela quisesse ir participar lá no Treze de Maio ela tinha que sambar muito, mas muito além do que a média do que o pessoal sambava. Então até por esse motivo eu não conseguia entrar nesse concurso, por que na época ainda não conseguia sambar na altura que as outras meninas já do clube, já faziam parte muito tempo. Por que o samba sempre foi bem focado lá. (HEIDEMANN, 2013)

Embora o Clube tenha surgido em contraponto com as instituições que tinham atitudes discriminatórias, em determinados momentos, conforme citado em algumas narrativas, este fazia uma boa seleção para a escolha da participante que iria representá-lo nos ambientes externos e isso reproduzia uma discriminação acerca das participantes que não apresentassem o perfil solicitado. Nota-se claramente essa questão na entrevista de Silionara Madureira.

Acho que foi na década de 70, que impuseram que tivesse que ser, o quesito principal o samba, que é uma das maiores características da população afro brasileira. Que é contribuição africana. Aí as pessoas passaram a valorizar mais, o presidente passou a ser o Roselei que até anteriormente não era ele, e ele também concordou e passou a exigir isso, proibindo que fosse, que tivesse candidatas brancas no Clube, para representar o Clube teria que ser negra até por que ele associava o samba, quem sambasse a cor negra. (MADUREIRA, 2013)

Assim como nas outras instituições, os concursos de beleza negra também tinham regras e normas que deveriam ser cumpridas e seguidas. Havia um número certo de jurados, que estavam ligados a mídia (geralmente apresentadores e radialistas das redes locais), dança ou a moda que avaliavam as candidatas. Era costumeira a questão da exigência de determinados trajes para as candidatas, este se dava de acordo com a titulação do concurso. Se fosse de samba e beleza, a candidata deveria ir à fantasia, se fosse apenas de beleza os trajes eram mais sofisticados e formais.

Nota-se na imagem a seguir que o traje o qual as concorrentes estão usando é sofisticado e todas estão de vestidos longos e bem penteadas, o que caracteriza uma noite festiva no Clube. Todas são negras e há uma quantidade significativa de candidatas, o que faz com que se perceba que a disputa pelo título era mesmo acirrada conforme já mencionado nas narrativas anteriores.



Figura 5 – Cerimônia de premiação do concurso da Rainha do Treze de Maio s/d.

Fonte: Acervo Casa da Memória Paraná.

A última entrevistada foi Jéssica do Prado, de vinte e quatro anos e musa do carnaval de Ponta Grossa 2013. Jéssica frequenta a entidade desde a infância e informa ter um grande apreço por questões culturais e folclóricas. A entrevistada foi vencedora do título A Mais Bela Negra no Clube Treze de Maio, no ano de 2004.

Eu comecei a frequentar o Clube Treze de Maio desde bem novinha, 5 anos de idade eu já estava participando dos carnavais que tinham várias coisas e participo de concursos quando tem e sempre estou apoiando eles também, quando precisam. E o concurso que eu participei foi em 2004 e tinham várias concorrentes, bastante meninas e me dei bem e consegui ganhar. (PRADO, 2013)

Jéssica aparenta estar bem à vontade ao falar da sua relação com a instituição e sua participação em concursos internos e externos. Frequentera da instituição a quase vinte anos a entrevistada deixa explícito que tem uma boa relação com os organizadores dos eventos quando esta menciona que sempre os apoia quando necessário.

Pra mim foi muito bom! O título desse concurso pra mim foi bom [...] Eu tenho orgulho da minha cor, então tinha um pouco de racismo, isso, aquilo, mas nesse concurso ficou tudo de lado e pra mim foi muito bom! (PRADO, 2013)

Segundo Jéssica os quesitos que estavam em julgamento eram beleza, simpatia, postura e dedicação, mas algo que chamou bastante atenção em sua narrativa foi à questão de identidade e reconhecimento.

Após a análise das narrativas, nota-se o contexto em que os concursos de beleza estavam inseridos pode-se compreender ainda o grau de exclusão social

dos negros, não só na cidade de Ponta Grossa, mas no Brasil. Observando desse modo, é evidente que os concursos de beleza negra eram muito mais do que busca pela negra mais bonita, ou que melhor sambasse, mas que o concurso era uma reafirmação da sociedade negra em relação a sua identidade na cidade.

Ao considerar a história da cidade, do Clube e principalmente dos concursos, emerge a percepção de que o havia muitas tensões que norteavam esse processo social. Tensões estas que estão ligadas a questões de identidades negras e a memória da cidade de Ponta Grossa.

A REPRESENTAÇÃO DOS CONCURSOS DE BELEZA NEGRA NO CLUBE TREZE DE MAIO PARA OS ORGANIZADORES DOS CONCURSOS

Para falar em construção de identidades no Clube Treze de Maio, optamos por fazer uma separação em dois períodos. Do momento da criação da instituição, 1890, até 1936 (data da criação da sede definitiva do Clube) e de 1978 (terceira fase do movimento negro) até 2006. A menção ao primeiro recorte é pelo fato de que a questão indenitária não era evidente, pois o Clube foi criado com base nos Clubes dos brancos e não há como construir uma identidade inspirada em algo que não é parte integrante de suas experiências, nem de suas culturas populares. E o segundo recorte é devido a abrangência do movimento negro por todo o país.

No decorrer da análise das narrativas das participantes percebe-se uma relação entre os concursos de beleza negra e a legitimação do ser negro, mas esta questão pareceu mais marcante para as candidatas do que para os organizadores dos concursos, característica esta que dá mais concretude a possibilidade de uma construção de identidades no interior dos concursos de beleza negra. É uma questão de viver algo e construir sentido em relação a isso.

Ainda que os organizadores dos concursos participassem ativamente dos eventos, eles não apresentaram em seus discursos elementos de pertencimento: a ideia de raça e tampouco a relação do Clube com a construção de identidades; pareciam mais preocupados com uma visibilidade dos eventos e sua abrangência no interior da instituição.

O primeiro entrevistado foi Anderson Pedroso, negro, estilista, e produtor de eventos. Com 35 anos de idade o entrevistado possui uma extensa carreira

em relação a organizações de concursos e eventos deste gênero. Anderson já foi rei momo do carnaval da cidade de Ponta Grossa e frequenta o Clube Treze de Maio desde o ano de 1992, quando tinha 14 anos. Em relação a finalidade dos concursos ele informa que:

Acima de tudo valorizar a mulher de origem negra, por que infelizmente nós moramos, nós vivemos em um país que é racista, a mulher negra ela é discriminada. Não adianta dizer que não, que não existe, seria um falso moralismo. Existe o Racismo, existe... Eu sou negro, sinto na pele que muitas vezes a gente é discriminado pela cor. Então por isso que eu acho assim, você valorizar a mulher de beleza negra. Eu acho que existem mulheres de beleza negra lindíssimas, lindíssimas, tanto no nosso país, tanto na nossa cidade quanto no mundo. (PEDROSO, 2013)

A fala de Anderson esclarece o sentido da criação dos concursos de beleza negra como uma forma de equiparação nos padrões de beleza. É como se ele pensasse os concursos como por uma forma de proporcionar as mulheres negras um espaço para que estas fossem vistas, valorizadas e elogiadas. Na fala de Anderson os concursos aparecem em contraponto com atitudes discriminatórias acerca da beleza negra, mas não apresenta vestígios de uma preocupação em colocar os concursos como um evento a fim de incitar a construção de um reconhecimento identitário das participantes – ainda que isso esteja presente nas narrativas das entrevistadas.

Outro aspecto notável da narrativa de Anderson Pedroso é a forma em que ele se descreve, como negro e vítima de atitudes discriminatórias. Quando o entrevistado expôs a realidade presente na sociedade brasileira, pode-se dizer que quando se trata da cor da pele, no trecho acima ele se coloca ao mesmo nível que as mulheres negras vítimas de racismo, o que faz que se perceba que a criação dos concursos de beleza negra para o Anderson estava posto como uma forma de reação, de respostas a situação de desvantagem que os negros estavam inseridos.

Em relação ao processo de formação de identidade nos concursos de beleza negra, Anderson esclarece que:

Eu acho que a maioria [...] não importava. Era um concurso de beleza. Era um momento de alegria delas, de glamour, que elas estavam ali bem vestidas, bem penteadas, bem maquiadas. Eram todas sempre com vestido de gala. Era um concurso glamoroso. Então sempre tinha uma coreografia de abertura com traje todos iguais e depois um vestido de gala. Então...era um concurso de beleza, nunca existia aquela coisa: Ai eu tenho que participar por que é o único que é pra beleza negra. (PEDROSO, 2013)

A entrevista de Anderson foi de suma importância para compreender o que compõe o universo da beleza negra, pois apresenta em sua fala características voltadas para uma preocupação social em torno das mulheres de raça negra, buscando visibilidade e notoriedade a estas, mas isso não era o suficiente para desconstruir a posição social da mulher negra integrante do Clube Treze de Maio. Ainda em relação aos concursos, Anderson afirma que:

Fez com que ela se auto afirmasse, buscando meio de trabalhos, um campo de trabalhos bem maior que temos, como eu falei, essa Ana Paula, a Própria Cinthia Araújo que foi uma das vencedoras. Então todas que se destacaram no concurso sempre buscaram algo a mais. (PEDROSO, 2013)

Embora Anderson tenha frequentado o Clube desde a adolescência, nota-se que sua profissão como produtor de eventos falou mais alto que a suas experiências vivenciadas na instituição, pois o olhar de “promoter” foi predominante quando se trata da questão relacionada ao sentido dos concursos. O fato de afirmar que Concursos de Beleza Negra em um clube Negro seja apenas uma forma das mulheres se sentirem glamorosas e felizes faz com que esses eventos sejam comparados a concursos de belezas tradicionais, desprovidos de significados que aqui discutimos na maioria dos casos.

O entrevistado ainda relatou:

Como eu falei, acho que até pra elas próprias, algumas levaram, puderam ver que a beleza pode ser valorizada, a mulher de origem negra ela não é inferior a mulher branca de forma alguma”. (PEDROSO, 2013)

Anderson naturaliza os concursos, como se estes fossem apenas respostas da exclusão social vivenciada pelas negras que deles participavam, mas era muito mais que isso; pode-se pensar nos concursos como algo mais do que eventos esperados e sucedidos para a instituição, mas como um processo de reafirmação pessoal.

A definição de “Raça” Negra que esteve presente em quase todas as narrativas é um meio de compreender o processo de reconhecimento, pertencimento e de uma visível formação de Identidades negras nesses eventos.

Na perspectiva teórica de Stuart Hall (1999), entendemos que as identidades negras da diáspora são (re)construídas a partir da experiência radical de desenraizamento e constante metamorfose cultural. Essas identidades são construções históricas, contingentes e em estreita conexão com o poder capitalista. Portanto, se faz fundamental compreendê-la

nesse processo para evitar sua possível dissolução (morte). (SILVA, 2010 p. 6)

Sobre os concursos de beleza negra as identidades se construíram lentamente, as concorrentes se definem como pertencentes ao Clube, mas dentro desta entidade haviam vários pontos que incluíam e excluía os negros que a frequentavam. Incluía no sentido de ser um Clube Negro e excluía no momento de realizar concursos em que não eram todas que participavam e muito menos que ganhavam. Havia uma seleção que determinava quem era a mulher negra que representaria a instituição e quem explica melhor isso é também uma organizadora e espectadora desses concursos.

A segunda entrevistada foi Vera Lucia Laranjeira Manoel, advogada e participante do Clube desde a década de 1970. Vera já foi mencionada no capítulo anterior, pois foi a responsável pela organização dos concursos de beleza negra no período aqui analisado (1985-2006). Vera tem uma opinião muito esclarecida sobre o sentido da formação dos concursos.

Na verdade existiam muitas meninas bonitas e geralmente uma querendo se sobressair a outra, então ou era a história do samba ou era na beleza mesmo; então a gente resolveu fazer o concurso para ter uma festividade no Clube que era voltado mais assim não só pra negro, negros e brancos, mas as meninas candidatas eram geralmente negras. (MANOEL, 2013)

A fala de Vera apresenta algumas características semelhantes ao discurso de Anderson, pois ela coloca os concursos como um evento que o Clube organizou a fim de materializar a constante disputa existente entre as mulheres negras que frequentavam a instituição e buscavam uma forma de se destacar. E como consequência dos concursos Vera afirmava que: “[...] servia acho que pra elas se enaltecerem, eram premiadas, dava uma lembrancinha e a gente procurava fazer o melhor para enaltecer a beleza negra mesmo.” (MANOEL, 2013)

Neste sentido, o enaltecimento da beleza negra colocado por Vera era justamente daquelas que ganhavam, pois as que estavam fora da classificação recebiam apenas lembrancinhas, o que poderia então ser um fator que pode ter contribuído para a construção de memórias negativas acerca dos concursos. Este é o caso de mulheres que não aceitaram participar da presente pesquisa, pois afirmaram não ter muito o que dizer sobre os eventos aqui problematizados.

Em contraponto Vera afirma que para as vencedoras dos concursos estes eventos:

Eu acho que colaboraram, por quê além de ter o problema da autoestima, eu acho que a que não ganhava não ficava tão feliz, é lógico, mas a maioria que ganhava se destacava, eram convidadas pra desfilar. Teve muitas gurias que foram convidadas para desfilar até ali pela Maxitango. (MANOEL, 2013)

Novamente o concurso é retratado como forma de garantia para uma visibilidade externa das negras concorrentes. Percebe-se ainda que tanto pra Vera quanto para Anderson era justamente isto que eles como organizadores e espectadores desses eventos almejavam para as candidatas.

Ah, eu acho que como eu falei pra você, eu acho que elas ficavam assim mais com a autoestima elevada e geralmente dali saiam indicadas pra alguma coisa, muitas vezes apareciam até oportunidades de emprego. Por quê eram vistas e como quem diz: Eram vistas e eram lembradas. Eu acho que pra própria vida delas foi bom também. (MANOEL, 2013)

A narrativa de Vera nos remete constantemente para a questão da abertura do campo de trabalho para as concorrentes, mas a questão de pertencimento social é descartada da sua fala. Talvez isso se justifique por Vera ter visto nos concursos uma maneira de dar um lugar social a estas mulheres, lugar este que lhes permitiam oportunidades, pois foi justamente isso que ocorreu com ela no passado.

Vera como mulher e negra afirmou que precisou de uma oportunidade para poder construir sua vida profissional e o seu patrimônio. Ela acreditava que os concursos de algum modo contribuíram para uma melhor condição social dessas mulheres.

A única coisa é que cada vez que ganhava uma menina eu convidava para vir trabalhar no meu escritório. Eu acho que era por que era o primeiro emprego. Eu acho que eu estava dando oportunidade por que geralmente escritórios assim, é mais difícil você ver negros. De setenta e seis-oitenta e quatro, pra cá. E eu achei que fazendo isso eu estava abrindo uma porta também. Embora muitas pessoas não aceitem, achem que é discriminação... Eu acho que não, que era uma forma de dar oportunidade de ela crescer também profissionalmente, por que vinha trabalhar no meu escritório, aprendia e saia dali para outros campos se abrindo pra elas. (MANOEL, 2013)

Portanto o significado dos concursos para a instituição era o de valorização da mulher negra, e estava posto afim de proporcionar a estas uma visibilidade estética e social nas dependências do clube. E o significado desses concursos para as mulheres que deles participavam era o de reconhecimento como negras e belas, um processo de auto afirmação que era legitimado, dependendo do resultado dos concursos.

Em relação a periodização dos concursos Vera esclarece que não há exatidão em relação a estes, mas afirma qual a ordem destes eventos.

É, nós começamos mesmo com o baile das rosas lá em oitenta e quatro, então era Baile das Rosas. Depois veio a Mais Bela Mulata, depois o Mais Bela Negra, depois Rainha da Primavera, Rainha do Carnaval que era todo ano. Então não teve assim... Geralmente uma sequência. A gente procurava seguir um calendário [...] O marco era a primavera depois no Treze de Maio geralmente a mais bela mulata, a mais bela negra, mas ela não tinha uma ordem cronológica definida. (MANOEL, 2013)

O fato da não especificação das datas de realização dos concursos fez com que fosse difícil compreender o processo de transição das nomenclaturas atribuídas aos concursos e os seus significados. O que se pode afirmar é que o Clube era composto por uma organização que prezava uma realização de eventos considerados tradicionais para a instituição como, por exemplo, o baile do dia Treze de Maio, este era realizado independente de qual fosse o dia da semana.

As narrativas dos organizadores são completamente diferentes das narrativas das concorrentes e isso está relacionado ao lugar social de cada entrevistado e as experiências adquiridas nos concursos. O fato é que não há possibilidade de terem um discurso semelhante, pois cada um destacou o ponto mais importante para si e não de modo geral. Até porque identidade é algo exclusivo e subjetivo, assim como a linguagem- característica esta que foi de suma importância para esta pesquisa. Como versa Benveniste (1988, p.) “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito, porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’.”

Neste caso pode-se dizer que a linguagem de cada entrevistado é uma forma de compreendê-los como sujeito e assim analisar e compreender o grau de importância dos concursos de beleza negra e seu significado para cada testemunho. A construção das narrativas aqui presentes são relatos de quem viveu inserido nos processos sociais e de transformação do Clube Treze de Maio e o conteúdo presente nestas narrativas pressupõe que houve uma contribuição não só dos concursos, mas ainda do clube para uma afirmação racial em muitos sentidos positivada.

Em analogia a afirmação racial o que posso citar é o relato de minha experiência como frequentadora da instituição e participante assídua dos concursos. Ainda que nunca tenha conquistado o título de mais bela negra, posso afirmar que há vários aspectos que

estavam presentes na realização e participação dos concursos.

O Clube organizava estes eventos para ter festividade nas noites comemorativas, mas se era apenas mais um concurso que envolvia disputa entre as mulheres que participavam, por que a nomenclatura era tão bem definida? Certamente por que não havia no Clube uma menina que não sonhasse em ser a mais bela negra ou a mais bela mulata; e não era só por status ou para elevar a autoestima, mas era pelo fato de se afirmar como negra de se reconhecer também como mulher e bela, e esse propósito estava presente de forma geral, pois era o assunto mais falado nos camarins.

Mas o que deve ser compreendido é o papel dos concursos de beleza negra para a formação de identidades negras; e quanto a isto de acordo com minhas vivências na instituição a resposta é clara e positiva acerca dos concursos, pois a minha identidade negra é fruto de minha permanência no Clube e da minha experiência como concorrente.

Embora não tenha garantido o título, isto era um aspecto que me fez perceber que o fato de eu ser negra não me impedia de ter títulos de beleza em concursos tradicionais e dentro destes eu me afirmava como negra, coisa que minhas colegas negras que não frequentaram o Clube não faziam, elas buscavam afinar seus traços e alisar seus cabelos a fim de se inserirem nos padrões das participantes brancas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os concursos de beleza negra podem ser vistos como momentos de auto afirmação do ser social para os negros que participavam desses eventos e que pode ser visto como incentivo para uma possível “emancipação” étnica futura. Com a instituição desses concursos, as mulheres negras não ficariam mais no anonimato, teriam um lugar para mostrar seus talentos e um clube para representar.

O fato de dedicar atenção às mulheres negras não significa que o processo de formação de identidades se limite a elas; embora o processo social esteja voltado para a participação feminina nos eventos, não há a menor possibilidade de afirmar que o grupo que frequentava esse espaço não era tocado por novos pensamentos e novas práticas.

Ainda que a Identidade seja um elemento individual, há momentos em que determinados grupos se reconhecem entre si através de suas culturas e

vivências e se identificam, formando assim um ideal de identidade. Para Munanga (2003) “É a partir da tomada de consciência dessas culturas de resistência que se constroem as identidades culturais enquanto processos e jamais produtos acabados”.

Então, a construção de identidade cultural é vista enquanto processo; processo este que esteve presente no Clube Treze de Maio desde o primeiro concurso de beleza negra que foi realizado em 1985. A tomada de consciência das mulheres negras que disputavam o título foi algo que aparece não como especulação, mas através da força de seus discursos narrativos que foram construídos através de suas experiências enquanto mulheres e negras, assim como as duas situações juntas.

Com base nas análises de narrativas e fontes mencionadas, considera-se que o espaço social tratado é um local que ainda, na atualidade, busca reconhecimento e que se encontra tombado como patrimônio histórico da cidade de Ponta Grossa, processo este que só veio a ocorrer em dezembro de 2001.

Não há como concluir o presente trabalho sem expor uma breve relação do Clube Treze de Maio, com os concursos de beleza negra e a formação de identidades. Com base nos três capítulos produzidos, pode-se dizer que a instituição recreativa problematizada não era homogênea, ainda que seus frequentadores apresentassem características em comum, características estas que não se limitavam apenas à cor da pele, até porque o clube não era limitado aos negros.

Entende-se que os frequentadores do Treze de Maio, no início de sua criação, se dirigiam à instituição por uma questão de pertencimento social, fator que contribuiu para formação de identidades em relação ao grupo e de identidades individuais.

Falando em identidade, hoje, a impressão que se tem é que é composta por uma grande diversidade étnica, sexual, racial e cultural. Segundo Stuart Hall (2003, p.337) “não há nada que o pós-modernismo global mais adore do que um certo tipo de diferença: um toque de etnicidade, um “sabor” do exótico”. Talvez o sentido da palavra identidade tenha sofrido modificações devido ao período de transformação globais que vem ocorrendo.

As identidades aqui tratadas são mais complexas de serem observadas. Considerando a trajetória do Clube Treze de Maio e dos concursos de beleza que nele eram realizados, pode se dizer que a construção de identidades é evidente no interior desse espaço e nos concursos nele realizados, visto que as concorren-

tes se reconheciam como pertencentes ao Clube Treze de Maio. Os relatos orais expõem claramente isso.

A construção de identidades negras não aparecia como um elemento em si que fomentava as atividades sociais no Clube Treze de Maio até 1936, até porque o clube era um misto de luta de pertencimento citadino e por vezes de reprodução das práticas sociais dominantes. Os negros que frequentavam a instituição buscavam, por meios diversos, visibilidade positivada, e por isso apostavam em práticas sociais apropriadas da população não negra. O estatuto do clube foi criado em setembro de 1920 e dava ênfase à importância da literatura como um elemento presente na vida dos associados e não a um ideal identitário de negritude, mas de cultura letrada.

Considerando que a instituição era um clube literário, percebe-se que havia um ideal identitário, mas que não se aplicava aos negros que não faziam parte dela e que o fato de buscar avanços intelectuais, certamente faria com que os negros associados se diferenciasssem dos outros pobres, não letrados e ainda de brancos pobres e não letrados.

Ainda que pareça anacronismo, não há como não citar como forma de comparação a reprodução de uma prática que norteou o período pós-abolição; quando se trata da diferenciação entre pardos e ex-escravos. Ex-escravos ou recém-libertos eram tratados como pretos ou negros, enquanto os nascidos livres eram chamados de pardos, condição que era de suma importância para diferencia-los dos libertos ou ex-escravos. Era como se pardos ignorassem suas marcas étnicas a fim de se tornar um cidadão (ainda que negro), mas livre (GARCIA, 2007, p.30).

Pode-se dizer que o processo de formação de identidades negras presentes no Clube Treze de Maio ocorreu num momento específico e de acordo com a progressão do contexto no qual o estava inserido, devido a contraditória imersão desses sujeitos em um anseio dualista entre um ideal de igualdade e diferença; igualdade em relação ao brancos intelectuais e diferença em relação aos negros que não estavam inseridos nesse processo.

Portanto, percebe-se que a reelaboração dos costumes dos brancos de certa forma contribuíram para uma formação identitária negra, mas fragmentada (GARCIA, 2007), porque a luta pelo pertencimento era também étnica e de classe e as narrativas das participantes expõem isso.

O processo de formação de identidades presente nos concursos de beleza negra aqui apontados se materializa através das narrativas das participantes,

pois os discursos apresentaram elementos que referenciavam a raça negra, desde sentir-se integrante do processo social que norteava as noites de realização dos eventos até a própria noção de pertencimento - características estas que vão ao encontro com a construção de identidades.

FONTES

Escritas

- Estatuto do Clube Treze de Maio
- Ata das reuniões da Instituição
- Processo de Tombamento
- Biografia do Líder Lúcio Alves da Silva
- Registros da Directoria Geral de Estatística, 1898

Orais

ARAUJO, Cinthia. **Entrevista concedida a Merylin Ricieli dos Santos**. Ponta Grossa, abr. 2013.

BUENO, Delvana. **Entrevista concedida a Merylin Ricieli dos Santos**. Ponta Grossa, mai. 2013.

HEIDEMANN, Cleumari. **Entrevista concedida a Merylin Ricieli dos Santos**. Ponta Grossa, abr. 2013.

MADUREIRA, Silionara. **Entrevista concedida a Merylin Ricieli dos Santos**. Ponta Grossa, abr. 2013.

MANOEL, Vera Lúcia Laranjeira. **Entrevista concedida a Merylin Ricieli dos Santos**. Ponta Grossa, out. 2013.

PEDROSO, Anderson. **Entrevista concedida a Merylin Ricieli dos Santos**. Ponta Grossa, out. 2013.

PRADO, Jéssica. **Entrevista concedida a Merylin Ricieli dos Santos**. Ponta Grossa, ago. 2013.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Márcio Mucedula. Os clubes negros e seu papel na constituição da identidade do Movimento Negro: a história do Grêmio Recreativo e familiar Flor de Maio em São Carlos- SP. **Interações - Cultura e Comunidade**, v. 2, n. 2, p. 91-105, 2007.

ALVES, H. Losinskas. **Sua Excelência- O Samba**. 2ª ed. São Paulo: Símbolo, 1976.

- BENVENISTE, E. **Da subjetividade na linguagem.** In: Problemas de lingüística geral I. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- BESSA, Marina. CRUZ, Renata. **O mundo secreto dos concursos de beleza.** Disponível em: <http://super.abril.com.br/cultura/mundo-secreto-concursos-beleza-447607.shtml> acesso em 15 ago. 2013.
- BRASILEIRO, Soul. **Samba.** Disponível em: http://soulbrasileiro.com.br/main/_brasil/musica/samba/samba/ Acesso em: 03 nov. 2012
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- CHAVES. Niltonci B. (org). **Visões de Ponta Grossa.** Ponta Grossa: UEPG, 2001.
- DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07> . Acesso em 15 ago. 2013.
- DIRECTORIA GERAL DE ESTATISTICA. **Sexo, Raça, Estado Civil, Nacionalidade, Filiação Culto e Analfabetismo.** Brasil, 1890.
- DITZEL, Carmencita H. M; SAHR, Cicilian L. L. **Espaço e Cultura:** Ponta Grossa e os Campos Gerais. Ponta Grossa: UEPG, 2001.
- EAGLETON, T. **Teoria da Literatura:** uma introdução. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FERREIRA, Aparecida de J. **Formação de professores raça/etnia:** reflexões e sugestões de materiais de ensino. Cascavel: Coluna do Saber, 2006.
- GARCIA, Renísia Cristina. **Identidade fragmentada:** um estudo sobre a história do negro na educação brasileira: 1993-2005 / Renísia Cristina Garcia. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007.
- GILL, Lorena Almeida. LONER, Beatriz Ana. **Clubes carnavalescos negros na Cidade de Pelotas.** Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/download/5798/4217>. Acesso em 15 ago. 2013.
- GOLDENBERG, Mirian (org.). **O corpo como capital.** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2007.
- GOMES, Tiago de Melo. **Lenço no Pescoço:** o malandro no teatro de revista e na música popular. Dissertação de Mestrado, IFCH, Unicamp, 1998.
- GONÇALVES, L. A. O. Reflexão sobre a particularidade cultural na educação das crianças negras. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 63, p. 27-29, nov. 1987.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora – identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.
- KLEIMAN, Ângela B. (org), **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas: Mercado das Letras, 1995.
- _____. **Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Campinas: UNICAMP/MEC, 2005
- LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena A. **Organização Negra em Pelotas:** Características e evolução (1870-1950). 3º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional.
- LITERÁRIA, Revista. **Origem da Literatura.** Disponível em: <http://www.revistaliteraria.com.br/historia.htm> Acesso em 31 nov. 2013
- MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Cadernos Penesb**, v. 5, p. 16-34, 2004. Disponível em: <http://www.slideshare.net/Geraaufms/uma-abordagem-conceitual-das-noes-de-raca-racismo>
- NAPOLITANO, Marcos; WASSERMAN, Maria C. Desde que o samba é samba: a questão das origens no debate historiográfico sobre a música popular brasileira. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 20, n. 39, p.167-189, 2000.
- ORTIZ, Renato. Memória coletiva e sincretismo científico: as teorias raciais do século XIX. In Cultura Brasileira e Identidade Nacional. **Cadernos CERU**, n. 17, set. 1982.

ROSA, Lia; CAMARGO, Marli Terezinha. **O Negro e a sua inserção na sociedade pontagrossense**. Ponta Grossa: 1999.

SANTOS, Luis M.; WALDEMANN, Isolde M. **A saga do Veterano**. Um pouco dos cem anos (1905-2005) em que o Clube Democrata marcou Ponta Grossa e os Campos Gerais. Ponta Grossa: Planeta, 2006.

SHARPE, Jim. A história vinda de baixo. In: BURKE, Peter. **A escrita da história**: Novas Perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

SILVA, Edvan R. **A história da Sociedade 13 de Maio de Curitiba**. Museu Treze de Maio. Disponível em <http://www.clubessociaisnegros.com.br/sem-categoria/a-historia-da-sociedade-13-de-maio-de-curitiba/> Acesso em 01 nov. 2013

SILVA, Joselina da. O clube dos negros. **Interseções- Revista de Estudos Interdisciplinares**. Rio de Janeiro, n. 47, 2000.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

THOMPSON, E.P. **A formação da classe operária**: A árvore da liberdade. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. <http://www.enfpt.org.br/eol/timeline/timeline-primeira.php#5> Acesso em 15 out. 2013.